

francisca⁴⁷

UMA NOVA MANEIRA DE LER JOINVILLE • ABRIL 2024



PELOS CAMINHOS DA MATERNAGEM

Os múltiplos desafios sociais, emocionais e psicológicos na construção da autonomia dos filhos, e como eles e elas lidam com a dor da perda, quando a mãe se vai





Meu
negócio
sempre
online

NOSSAS SOLUÇÕES

- Hospedagem Cloud
- Servidor Cloud
- Revenda Cloud
- Registro de Domínio
- Site Gerenciável
- Loja Virtual
- Google Ads
- Pacote para Mídias
- E-mail Marketing
- Google G Suite
- Atualização de Conteúdo



www.joinvix.com.br

47 3433-5066

CARO LEITOR

Maternagem e autonomia

Mãe coruja de três filhas, vovó de uma menina com o nome inspirado de Maria Flor, a jornalista Albertina Camilo recolheu meia dúzia de histórias repletas de emoção para a reportagem de capa de abril. Histórias que endossam o papel fundamental delas, as mães, na vida de seus rebentos e na construção da autonomia de cada ser humano que trazem à luz. O texto da Tina também discorre sobre como lidar com a despedida, quando a mãe vai embora. “Perdi uma parte de mim, como se fosse uma perna”, é o relato tocante de um dos entrevistados. Impossível ficar indiferente à mãe, tão ligada que essa figura está à ideia de proteção e cuidado, generosidade, compaixão e altruísmo, como anota uma especialista na reportagem.

São Francisco do Sul, vizinha ilustre, registra intensa movimentação de artistas e produtores mirando na estruturação de seu sistema de desenvolvimento pela cultura. A expectativa é de que a aprovação de uma lei municipal que possa subsidiar projetos por meio de isenção fiscal alavanque novos recursos para multiplicar as tantas iniciativas culturais dessa cidade que já é fértil em manifestações artísticas dos mais diferentes matizes. Reportagem da jornalista Ana Ribas Diefenthaler, editora da Francisca, mostra como anda esse processo – e que impacto o sistema municipal pode produzir, se aprovado como os fazedores de cultura almejam.

Pessoas, cultura. Você vai conferir várias outras pautas com essa inspiração, nas páginas a seguir. Uma entrevista com a joinvilense que dirige o Instituto Trata Brasil, organização voltada ao saneamento e à proteção dos recursos hídricos, sublinha a importância do tema para a saúde da população – e o quanto a criançada pode fazer a diferença em avanços sociais nesse campo. Dois artigos de especialistas convidadas refletem sobre inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho e de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. Também em primeira mão, duas histórias garimpadas pelo escritor Jura Arruda para o livro que será lançado no fechamento de um projeto cultural sobre gastronomia germânica em Santa Catarina são destaques da vez.

Você vai ler

4 Um papo com a cantora francesa Camille Bertault

7 Outro Olhar sobre os meninos do coral suíço

8 Reciclagem, para transformar o mundo

10 Saneamento melhora a vida

12 Portas abertas para a inclusão

15 São Chico se mobiliza pela cultura

18 Mãe: os desafios e a dor da perda

24 Pratos com sabor de muitas histórias

26 O laboratório literário de Ítalo Puccini

francisca Número 47. Abril de 2024

Cidadania, cultura, empreendedorismo, lazer, negócios, responsabilidade social. Jornalismo de qualidade para uma cidade de excelência.

Jornalista responsável: Guilherme Diefenthaler (reg. prof. 6207/RS) • **Editora:** Ana Ribas Diefenthaler • **Conselho editorial:** Ana Paula Chaves (Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres), Rubens Herbst (jornalista), Geraldo Lion (Expectv), Letícia Ribas Diefenthaler Bohn (Univille), Donald Malschitzky (escritor), Lizandra Carpes (CDH) • **Design e diagramação, gráficos e ilustrações:** Fábio Abreu • **Publicidade e assinaturas:** (47) 98403-2745 • **Digital:** Joinvix • **Foto de capa:** Unsplash

E-mail

redacao@revistafrancisca.com.br

Site

revistafrancisca.com.br

Facebook

facebook.com/revistafrancisca

Instagram

[@revistafrancisca](https://instagram.com/@revistafrancisca)

EDUARDO DUKS



Acompanhada por músicos catarinenses, a cantora Camille Bertault veio a Joinville em abril

MÚSICA

Projeto cultural com sotaque francês

Depois de receber, na primeira semana de abril, um refinado espetáculo de jazz com a estrela francesa Camille Bertault, os palcos de Joinville continuam na rota da Tournée AF – Première Edition, projeto cultural da Aliança Francesa de Florianópolis, viabilizado pelo Programa de Incentivo à Cultura (PIC) do governo estadual. Em maio, no dia 2, está marcado o Especial John Controle, tributo a um dos maiores saxofonistas do jazz, preparado por um grupo de músicos catarinenses. Na metade de junho, data a confirmar, passa por aqui o espetáculo Lumina, do Les Barbarins Fourchus, grupo de música e teatro francês.

Na sequência, mais cinco turnês pelo estado, quatro reverenciando a obra de artistas – como Miles Davis, Hermeto Pascoal e Ella Fitzgerald – e uma, novamente, com um grupo vindo da França, a Nach Van Van Dance Company. Importante: toda a programação é gratuita. Outro ponto que chama atenção é a interface com ONGs que trabalham com comunidades em vulnerabilidade social – a organização oferece transporte sem custo para grupos organizados pelos parceiros assistirem aos shows.

A cantora Camille Bertault, que marcou a estreia do projeto, veio

ao estado para lançar seu quinto álbum, “Bonjour Mon Amour”. Acompanhada do trompetista francês Julien Alour, ela se apresentou com um trio de músicos catarinenses: Tiê Pereira (contrabaixo), Rodrigo Porciuncula (bateria/percussão) e, de Joinville, Edilson Tatu (piano elétrico). A artista inspirou-se pelo jazz por influência do pai, e começou a estudar esse estilo no Conservatório de Paris. Antes do espetáculo, concedeu breve entrevista à Francisca.

Não é a primeira vez que você vem ao Brasil junto com a Aliança

Francesa. Como é a sua relação com a instituição e de que maneira isso te aproximou ainda mais do nosso país?

Trabalhei algumas vezes com a Aliança Francesa. Há um ano, fiz uma turnê, e a Aliança organizou um concurso de canto no Rio, no qual eu estava no júri. Fiz a primeira parte do show do Chico César no Circo Voador, fiz uma master class, visitei uma escola. Como eu canto minhas letras em francês, é uma boa maneira para divulgar a cultura francesa no Brasil.

Quais as suas maiores influências?

Tenho algumas influências: música clássica (Ravel, Debussy, Chopin, Scriabine), soul music (Jill Scott, Lauryn Hill, Erykah Badu, Hiatus Kayote), música brasileira (Elis Regina, Jobim, Gismonti, João Bosco, Hermeto Pascoal), chansons (Brigitte Fontaine, Gainsbourg, Léo Ferré), e claro, jazz (Mingus, Monk, Bill Evans, Wayne Shorter).

Você conquistou fãs na internet há alguns anos com seus vídeos, nos quais interpretava grandes nomes do jazz. Como as redes sociais podem ajudar a revelar talentos da música?

As redes sociais são como uma rua. Você não tem intermediação, e pode ter relações diretas com as pessoas, com o seu público. Se bem utilizadas, é uma boa maneira para estar livre.

Como foi a escolha do repertório para as apresentações em SC?

O repertório é feito com as minhas canções em francês sobre muitos assuntos: do vício em celular ao amor tóxico, passando por um rap ecológico sobre o desaparecimento do pássaro Dodô. Musicalmente, é um mix entre chanson, groove, ritmos e improvisações.

DIVULGAÇÃO



Ação para ciclistas também faz parte do programa

TURISMO

Um passeio pelas cervejarias artesanais de Joinville

Muita gente não sabe, mas Joinville é a terra natal da primeira cervejaria brasileira. A “número 1” se chamava Cervejaria Schmalz, e começou a operar de forma artesanal em 1852, na casa do imigrante suíço Albrecht Gabriel Schmalz, que trouxe o maquinário todo da Europa e se instalou ao lado do Rio Mathias. Só um ano mais tarde é que seria fundada, em Petrópolis (RJ), a Cervejaria Bohemia, que leva o título de pioneira na arte de fabricar a bebida. Hoje com 25 produtores caseiros, reunindo mais de 520 empreendedores, nada mais natural do que transformar esse polo em atração turística. A Rota Cervejeira, criada no final do ano passado, estreou com o envolvimento de 11 cervejarias, como Opa Bier, Monte Crista, Rhein Bier, Gutbrau e Millebier. Antes do lançamento, o grupo participou de uma capacitação, durante quatro meses.

Nas visitas guiadas, o objetivo é mostrar ao visitante, naturalmente apreciador de uma cerveja diferenciada, um pouco do ciclo de produção, como também opções de harmonização que contemplam até cucas salgadas e doces. “Queremos fortalecer o polo e evidenciar a história de onde tudo começou”, resume Adriano Reinert, presidente do núcleo cervejeiro da Ajoinville. O empresário ressalta que a diversidade de estilos – a partir de escolas como a alemã, a belga e a inglesa – é um dos pontos altos da cerveja feita em Joinville. “A forma como as artesanais fabricam a bebida é exatamente igual à tradição europeia”, orgulha-se Adriano. Parte relevante do impulso para esse movimento veio de uma lei estadual de 2006, que incentiva a produção da bebida com base em técnicas originais.

Organismos como o Sebrae e a Fampesc – que reúne associações de pequenas e médias empresas – também apoiam a iniciativa. Outra sacada é a Bike Beer, circuito de visita às cervejarias que se cumpre pedalando. Tudo como parte da estratégia de fortalecimento do setor.

Ein prosit!

• MAIS INFORMAÇÕES EM VISITEJOINVILLE.COM.BR/ROTA-CERVEJEIRA



NEGÓCIOS

Mercado de aluguéis de curta temporada cresce

Nas praias da região, não é de hoje que famílias ou grupos de amigos procuram hospedagem em casas ou apartamentos – seja em feriados, seja em períodos maiores, na temporada de verão. A novidade é que esse mercado atraiu operadoras globais, em plataformas como Booking e Airbnb, qualificando as opções disponíveis e os canais de contato com os interessados – muito além da plaquinha de “alugo por diária” em frente ao imóvel. Segundo dados do relatório da Oxford Economics, a pedido do Airbnb, a busca pela plataforma no Brasil cresceu 31% em 2023, com relação ao ano anterior. Só em Florianópolis, entre o terceiro trimestre de 2023 e o primeiro de 2024, houve um salto de 57,9% nos anúncios de propriedades via Airbnb. Bom para os donos de imóveis, bom para quem está atrás de um lugar para passar as férias.

Esse filão também atrai empresas de serviços turísticos. Uma delas é a plataforma Anfitriões de Aluguel, que gerencia mais de 500 propriedades em Santa Catarina e conta com uma rede de mais de 20 anfitriões profissionais. No mesmo período, a plataforma contabilizou aumento

de 38,2% dos anúncios na capital. Agora, prepara-se para expandir sua presença no estado, abrindo portas em Joinville e São Francisco do Sul, cidades que tiveram incremento expressivo de imóveis anunciados no Airbnb, entre 66% e 71%.

Na prática, a rede de anfitriões profissionais locais dá suporte aos hóspedes, com recepção, manutenção, limpeza, entre outros serviços. “Somos pioneiros nesse serviço e temos como missão tornar mais rentáveis os aluguéis de curta duração, assim como popularizar a profissão de anfitrião, que pode ter renda de até R\$ 10 mil por mês”, ressalta o cofundador e diretor executivo da Anfitriões de Aluguel, Marcos Schmidt. Segundo Schmidt, a exemplo da capital, os números na região Norte evidenciam uma oportunidade para proprietários de imóveis não ocupados rentabilizarem seus imóveis e terem novas alternativas de renda. “A região conta com atrativos sazonais e turísticos que nos permitem olhar com otimismo para o desenvolvimento desse mercado”, conclui. ①

FIQUE POR DENTRO DO QUE ACONTECE EM SÃO FRANCISCO DO SUL E REGIÃO!

JornalOcorreioSC.com.br | Jornal O Correio SC | 47 99172-6939 | @jornalocorreioSC

OUTRO OLHAR



Especializado em cobertura de espetáculos, o fotógrafo **Robson Khalaf** compartilha registros colhidos em uma noite muito especial, quando 80 meninos e rapazes, entre 6 e 26 anos, encantaram o público da Sociedade Harmonia Lyra com uma primorosa apresentação musical.

O Krabekantorei Basel, coral quase centenário fundado em 1927 na cidade suíça de Basel, fez escala em Joinville durante turnê pelo Sul do Brasil, antes de seguir para o Uruguai e a Argentina.

A potência vocal do grupo é impressionante, com um repertório que vai da música sacra à profana, estendendo-se de peças renascentistas à capela aos grandes oratórios românticos, além de canções folclóricas e populares. A produção local do espetáculo foi do Instituto Arte Maior. ①





“A reciclagem é minha missão, minha forma de fazer a diferença”

MEIO AMBIENTE

Transformando vidas, preservando o futuro

**Com a reciclagem, o propósito de
contribuir para a sustentabilidade**

Geiciele Figueiredo Machado
ESPECIAL PARA FRANCISCA

Desde muito jovem, minha vida esteve entrelaçada com o ato de reciclar. Aos 18 anos, ingressei na cooperativa de reciclagem, mas a verdade é que essa jornada começou muito antes, quando ainda era criança, catando materiais nas ruas da minha cidade. Hoje, com quatro filhos, percebo que a reciclagem não é apenas meu trabalho, é minha missão, minha forma de fazer a diferença no mundo.

Lembro-me do momento em que recebi meu primeiro salário. Foi como se uma nova vida se abrisse diante de mim. Com aquele dinheiro, comprei uma cama e um guarda-roupa que refletiam meu gosto. Foi um momento mágico, que simbolizou não apenas uma conquista material, mas uma prova de que a reciclagem podia transformar vidas.

Nem tudo são rosas nessa jornada. Enfrentamos desafios diários, e um dos maiores é a falta de fiscalização e a aplicação efetiva da lei 12.305, que trata da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Estou convicta de que somente quando as autoridades competentes assumirem seu papel e aplicarem de fato essa legislação é que veremos mudanças significativas. Todos somos responsáveis, não só pelo que produzimos, mas também pela forma que descartamos o que produzimos, e é essencial que isso seja levado a sério.

Cada um de nós tem um propósito neste mundo, e o meu é contribuir para um futuro mais sustentável. Sou feliz como recicladora. Tenho fé

de que sempre haverá mudanças positivas e que a esperança jamais nos abandonará.

Mais do que apenas conscientização, minha experiência me ensinou que a reciclagem vai além de separar materiais em um galpão. É um ato de responsabilidade, tanto com o próximo quanto com nós mesmos. Quando separamos os resíduos, estamos ajudando o meio ambiente, e, ao mesmo tempo, contribuindo para o bem-estar de nossa comunidade e para a economia local.

Quando as pessoas separam corretamente o resíduo reciclável, estamos falando também da oportunidade de geração de renda para diversas famílias. O dinheiro que ganhamos com nosso trabalho na reciclagem é reinvestido em nossas cidades, e os aterros sanitários não ficam sobrecarregados.

É por isso que recebemos a todos em nossa cooperativa de braços abertos. Somos pessoas comuns, com sonhos, objetivos, famílias e amigos. A reciclagem não é apenas uma necessidade, é uma questão de sobrevivência. Com o consumo crescente, se não houver uma mudança de mentalidade em relação aos resíduos, estaremos condenados.

Sou mãe de quatro filhos, e meu maior desejo é que eles tenham a oportunidade de estudar, ser responsáveis, trabalhar e construir suas próprias famílias. Mais do que isso, quero que sejam felizes e realizados em suas vidas, assim como eu sou na minha jornada como recicladora.

Convido a todos a se juntarem a nós nessa causa. Juntos, podemos transformar o mundo.

• Geiciele Figueiredo Machado atua na Cooperativa Santa Bárbara, associação de recicladores de Joinville

DIVULGAÇÃO



LUANA PRETTO

"A grande mudança virá da criança"

Pouco a pouco, é das novas gerações que se pode esperar a tomada de consciência sobre a importância do saneamento básico como instrumento para melhorar a vida das pessoas. "As crianças têm um poder muito grande de mudar também a visão de seus pais e exigir o acesso à coleta e ao tratamento de esgoto nos locais onde moram", diz a joinvilense Luana Siewert Pretto, diretora executiva do Instituto Trata Brasil, organização voltada ao tema do saneamento e à proteção dos recursos hídricos, formada em 2007. "O desafio é enorme", reconhece Luana, nesta entrevista à Francisca em que também comenta resultados da nova edição do Ranking do Saneamento, que monitora os indicadores de municípios brasileiros, sinalizando para avanços ou retrocessos. A baliza é o cumprimento do chamado Marco Legal do Saneamento, que mira na universalização do acesso à coleta de esgoto. Em março, ao lado do Instituto Carlos Roberto Hansen e da Companhia Águas de Joinville, a entidade que Luana comanda distribuiu 11 mil exemplares de um gibi especial da Turma da Mônica, sobre saneamento e uso racional da água, para escolas públicas de Joinville, em alusão ao Dia Mundial da Água.

Quais os principais avanços (se houve) no Ranking de Saneamento 2023, especialmente na Região Sul?

Há, sim, alguns destaques positivos, principalmente em relação à primeira colocada, que é Maringá, no Paraná, cidade que atingiu todas as metas do Marco Legal de Saneamento Básico, ou seja, está universalizada em relação ao acesso à água e à coleta e tratamento de esgoto, e bateu todos os indicadores em redução de perdas de água. Outros municípios paranaenses se saíram bem. Cascavel e Ponta Grossa estão bem colocadas. Foz do Iguaçu, Londrina e São José dos Pinhais aparecem no top 20, das cidades que, den-

tre as 100 maiores do Brasil, figuram entre as vinte melhores em termos de saneamento básico.

Quanto ao Rio Grande do Sul, Porto Alegre está na posição 44, Caxias do Sul na 62, Canoas na 79 e Pelotas na 81. Eu diria que o Rio Grande do Sul não tem indicadores tão bons em saneamento, grande parte ocupa da classificação 50 em diante, e Santa Catarina da mesma forma. Florianópolis está na posição 55, Blumenau na 70 e Joinville na 74. São municípios que precisam evoluir bastante para atingir as metas do Marco Legal de Saneamento.

Joinville e região ainda estão distantes do ideal em termos de saneamento básico. Como avalia as ações das concessionárias da região para reverter esse quadro?

O município tem hoje 99,5% da população com acesso à água, 41,66% de coleta, 34,89% de tratamento, 40,85% de perdas na distribuição, e investe uma média de R\$ 195 por ano, por habitante, em saneamento básico. Então, já atingiu as metas no que tange ao acesso à água, mas precisa evoluir em relação à coleta e tratamento do esgoto para cumprir as metas do marco legal. Encontra-se abaixo da média na Região Sul, principalmente porque as cidades do Paraná costumam puxar esse indicador para cima.

Quando olhamos o investimento, Joinville traz um número que chama atenção. A média de investimento em saneamento básico no Brasil é de R\$ 111 por ano por habitante. Joinville registra quase o dobro desse valor. Isso demonstra que o município tem priorizado o tema, com a execução de obras, para que possa alcançar, em um horizonte de médio e longo prazo, maior percentual em relação, principalmente, à coleta e tratamento de esgoto.



Estudantes de Joinville receberam gibi especial da Turma da Mônica

Joinville realmente sempre priorizou o acesso à água e começou a desenvolver mais o esgotamento sanitário poucos anos atrás. Por isso que, como o investimento precisa ser contínuo e longo para atingir o resultado, infelizmente a gente está começando a evoluir agora.

Qual o impacto social da falta de saneamento, em tempos de epidemia da dengue, por exemplo?

Enorme, principalmente na saúde da população. A gente está falando em doenças como dengue, esquistossomose, leptospirose, a própria diarreia, que poderiam ser evitadas com o acesso ao saneamento básico. Joinville teve, segundo dados do SUS de 2021, 147 internações e sete óbitos por doenças de veiculação hídrica. Tem gente se afastando do trabalho por conta da falta do acesso ao saneamento básico. E não é só isso. Quando não se tem acesso ao saneamento, as pessoas ficam mais doentes, consequentemente, as crianças, que são afetadas de maneira bastante intensa, têm maior dificuldade de desenvolvimento físico, intelectual e neurológico, porque a energia que gastariam para aprender, acabam despendendo para sobreviver em episódios sucessivos de diarreia, por exemplo. E essas crianças, consequentemente, terão uma escolaridade média menor, por não estar se dedicando tanto aos estudos, e, mais adiante, uma nota menor no Enem, o que pode dificultar a entrada em uma universidade. E isso vai impactar também na renda média e na possibilidade de mobilidade social quando ela se tornar um adulto.

Com acesso ao saneamento, a média de escolaridade no Brasil é de 9,18 anos. Para quem não tem acesso, a média é de 5,31 anos. Quem mais sofre com a falta do acesso são pessoas jovens, com escolaridade média baixa, ou seja, é a população mais vulnerável, mais carente. Quando a gente fala de epidemia de dengue, isso está muito relacionado à falta do saneamento, seja por meio, às vezes, do armazenamento de água de maneira irregular, seja da questão de esgoto, que acaba se alojando em determinados locais e gerando um foco do mosquito da dengue.

Por que a consciência sobre a importância do esgoto tratado levou tanto tempo para se transformar em política pública?

A consciência é importante para que a população cobre um maior acesso à água e à coleta e tratamento do esgoto. Temos um grande desafio

de conscientizar, seja as nossas crianças, seja os adultos, quanto à relevância de tudo isso. Se o meio ambiente estiver mais conservado, meu filho, meu neto terá mais saúde e a possibilidade de ser mais próspero no futuro.

Você espera que o tema venha à tona nas eleições deste ano?

Saneamento é ativo político. Não pode ser política de um determinado governo, mas política de Estado. Uma política que se traduza em um plano de saneamento básico que precisa ser cumprido, com investimentos que precisam acontecer, trazendo um horizonte de universalização do acesso. Se você pensa no Brasil de maneira geral, em algumas localidades já se enxerga o saneamento como fenômeno de transformação social. Em outras, infelizmente, persiste a velha ideia de que o saneamento é uma infraestrutura que não dá voto, que dá trabalho.

A grande chance de mudar esse quadro é com as crianças. E aí vale destacar a iniciativa da Águas de Joinville, em parceria com a Tigre e o Instituto Trata Brasil, com o lançamento de uma revista da Turma da Mônica, para as crianças da rede de ensino. Uma ação que vai começar a conscientizar a base, as crianças têm um poder muito grande de mudar também a visão dos seus pais e exigir o acesso à coleta e tratamento de esgoto na sua residência.

Sobre eleições, sim, nosso objetivo é que o cidadão cobre o avanço do saneamento do seu município, questione quando a coleta de tratamento de esgoto vai chegar na sua rua, e que faça um acompanhamento contínuo em relação a isso. Nosso objetivo, como Trata Brasil, é que em todos os municípios esse tema seja debatido nas campanhas e que o eleitor enxergue valor na chegada do saneamento. ①

AS PORTAS DA INCLUSÃO

Especialistas refletem sobre a importância de abrir espaços sociais para pessoas com deficiência e para crianças autistas, nas empresas e na sala de aula



CARLOS JR./DIVULGAÇÃO

Por mais oportunidades no mercado de trabalho

Dauriane Siqueira da Silva

ESPECIAL PARA FRANCISCA

Natural de uma comunidade ribeirinha, em Barão de Melgaço, às margens do Rio Cuiabá, no Mato Grosso, sou filha de um casal de pescadores e trabalhadores rurais, João e Laudelina, que assumiram a missão de acolher, aprender e ensinar os caminhos da superação a partir do respeito e da empatia. Hoje com 27 anos, nasci com malformação congênita fenda palatina e labial bilateral e com deficiência auditiva. Passei por tratamentos invasivos, como cirurgias, e tratamentos reabilitadores, tudo com a finalidade de promover melhor qualidade de vida e bem-estar, na condição de pessoa com deficiência. Utilizo aparelho auditivo, que auxilia na minha reabilitação e faz parte do dia a dia como instrumento de ampliação de potencialidades enquanto profissional que trabalha com escuta acolhedora e empática na psicologia.

A inclusão de pessoas com deficiência (PCDs) no mercado de trabalho é um processo contínuo, estabelecido por importante marco regulatório (o artigo 93 da Lei 8213/91), e regulamentada pelo Decreto 3298 de 1999, que determina a abertura de vagas proporcional ao tamanho da organização. Trata-se de um dos principais fatores para a inclusão social da pessoa com deficiência, visando ao fortalecimento de sua autonomia, com efeitos positivos na autoestima, além de desmistificar e possibilitar o contato dos demais trabalhadores com a realidade, dificuldades e potenciais dos indivíduos com esse perfil.

Ações sociais e projetos que fomentem o protagonismo se fazem necessários como elementos da responsabilidade social empresarial, fundamentando a importância da diversidade nas organizações para uma gestão ética e transparente, incluindo aí o respeito pelas pessoas, comunidades e meio ambiente. É o que pude testemunhar com o lança-

mento, em abril, do programa Entre&Laços, do Hospital Dona Helena, instituição onde trabalho. Na apresentação do programa à comunidade, pude relatar minha experiência de inserção no mercado, como porta-voz do impacto positivo que projetos de inclusão têm na vida da pessoa com deficiência.

O próprio local de realização do evento foi estruturado para respeitar as pessoas com deficiência, com recursos de ergonomia adequados para contemplar cada necessidade subjetiva, incluindo atenção quanto ao espaço físico, com sinalização em braille, bem como a acessibilidade ergonômica para pessoas em cadeira de rodas, e intérprete de Libras, para que todos e todas pudessem se sentir acolhidos. O ambiente também foi preparado para garantir o devido suporte em casos de emergência, como uma possível crise sensorial, no caso de pessoas com autismo, considerando a singularidade de cada um.

Empatia e respeito

Tive a oportunidade de compartilhar um relato do meu percurso de inclusão, levando conhecimentos sobre a prática de possibilidades de inclusão nos meios corporativos para que o protagonismo das pessoas com deficiência se concretize. Já sofri “bullying” e preconceito por minha condição de deficiência, mas encontrei, ao longo do tempo, inúmeras pessoas e profissionais da saúde e da educação que me trataram com empatia e respeito – daí a descoberta do meu desejo de ofertar atendimentos humanizados e o desejo de contribuir no protagonismo de PCDs. No processo de admissão, a equipe do hospital mostrou enxergar além da minha condição de PCD, valorizando minhas potencialidades, algo que, acredito, pode servir de incentivo para outros.

Sinto que minha história pessoal e profissional mostra que é possível que as organizações se tornem cada vez mais incentivadoras e atuantes no processo de inclusão baseado no princípio da equidade, indispensável para a promoção do bem-estar e garantia dos direitos às pessoas com deficiência. Tudo isso, validando seus sonhos e sua existência, para que o fim do capacitismo não seja uma utopia, mas uma realidade, para um mundo verdadeiramente inclusivo e empático. Concluo com a seguinte mensagem de Carl Rogers: “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”.



Dauriane Siqueira da Silva, psicóloga clínica no Hospital Dona Helena, de Joinville



Desafios do mundo atípico no ambiente escolar

Júlia Fernandes Davanço

ESPECIAL PARA FRANCISCA

Embora de forma gradativa, o número de diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em crianças e adultos vem aumentando, graças à disseminação da informação em diversos setores da sociedade. Com isso, já existem iniciativas que visam à inclusão das pessoas com desenvolvimento atípico. Essa mudança pode ser observada, por exemplo, nos meios esportivo e de entretenimento.

Um dos grandes desafios para esse público é o ambiente escolar que, geralmente, não dispõe das ferramentas apropriadas, espaços e rotina estruturados, e até mesmo profissionais preparados para acolher, conviver e estimular o desenvolvimento adequado desses estudantes. De acordo com o Censo da Educação Básica realizado pelo Ministério da Educação, o número de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista matriculados em salas de aula comuns – ou seja, com estudantes sem deficiência – cresceu 50% entre 2022 e 2023. Em números absolutos, as matrículas passaram de 405.056 para 607.144.

Conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o estudante autista tem direito ao atendimento especializado para o seu desenvolvimento, por intermédio de professores auxiliares. Mas a presença desses profissionais em sala de aula não é realidade nas redes pública e particular de ensino. Mesmo havendo esforço individual da família, a rede pública não permite a presença de um Acompanhante Terapêutico (AT). Já na rede privada, algumas escolas liberam o acompanhamento desse profissional, ainda em pequeno nível de aceitação.

A inflexibilidade na aceitação de um Acompanhante Terapêutico contratado pela família muitas vezes se deve ao receio da instituição de que haja interferências entre o sistema pedagógico da escola e a metodologia de trabalho do AT. O objetivo do Acompanhante Terapêutico é atender o estudante em relação ao desenvolvimento da sua comunicação, habilidades sociais com os pares, diminuição das barreiras comportamentais, seguimento de instruções, aumento de tolerância às frustrações que possam ocorrer no ambiente.

Sua atuação é essencial para promover a estimulação necessária e oferecer suporte para o melhor aproveitamento da criança com desenvolvimento atípico em sala de aula, de forma personalizada e individualizada. Esse acompanhamento visa ampliar a autonomia, independência e bem-estar do aluno com alterações no neurodesenvolvimento em âmbito escolar, ainda que prevalecendo como referência em sala de aula o professor responsável pela classe.

Formação para professores

Se o AT é um profissional especializado no suporte a crianças com alterações do neurodesenvolvimento, entre elas o autismo, muitas vezes os profissionais da área da educação não recebem a formação específica para atuar junto ao público com desenvolvimento atípico, que possibilite ao docente expandir o repertório comportamental do aluno no ambiente escolar e trabalhar com as possíveis barreiras que dificultam o processo de aprendizagem.

Considerando a carência de suporte especializado e a importância desse processo formativo profissional para o ensino efetivo de pessoas com alterações do neurodesenvolvimento e demais comorbidades, o Instituto TEA, de Joinville, elaborou uma proposta de formação continuada para professores, intitulada "Conectando Saberes: formação continuada para o ensino inclusivo de estudantes com o Transtorno do Espectro Autista e demais alterações do Neurodesenvolvimento".

O objetivo dessa formação é trazer à tona os principais desafios frente às problemáticas no cotidiano dos docentes e contribuir com a sua formação continuada, na perspectiva da inclusão educacional dos alunos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista sob o olhar da Análise do Comportamento Aplicada (ABA).

Como profissionais especializados no atendimento de pessoas com desenvolvimento atípico, reforçamos a importância do trabalho baseado no tripé composto pela família, atendimento especializado e escola, visando a maiores oportunidades para que ocorra desenvolvimento social e pedagógico desses alunos, por meio da inclusão com os suportes adequados e combatendo estigmas e preconceitos ainda existentes na sociedade.



Júlia Fernandes Davanço, psicóloga, coordenadora clínica do Instituto TEA, clínica interdisciplinar de Joinville



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Espectáculo Entre Mundos (SP), que virá para o Animaneco deste ano

SÃO FRANCISCO DO SUL Nova fonte para a cultura

Com inúmeros projetos alavancados por leis de incentivo federal e estadual, o setor se mobiliza pela criação do sistema municipal; o primeiro passo já foi dado

Ana Ribas Diefenthaeler

Artistas e produtores catarinenses sentiram um frio na barriga com a notícia, divulgada na manhã de 3 de abril, de que o Tribunal de Contas do Estado (TCE) congelou todos os novos projetos inscritos no Programa de Incentivo à Cultura (PIC), vinculado à Federação Catarinense de Cultura (FCC), uma das principais fontes de recursos, via incentivo fiscal, para ações nessa seara. A decisão é produto de um levantamento de 2021, quando o TCE buscou – e, aparentemente, não encontrou – junto à FCC, o cumprimento das condições legais determinadas pelo programa, como estrutura física, pessoal e sistemas de informação. Já naquele ano, o TCE suspendia os repasses pela lei estadual por falta de transparência. Mas a fundação solicitou prorrogação do prazo para implantar um sistema de acompanhamento público. Desde 2021, considerando idas e vindas da política, foram três pedidos de prorrogação dos prazos para prestação de contas – que, ao final, não foram cumpridos.

A medida do TCE deixa em suspenso o setor cultural, já que, só em 2023, segundo a FCC, foram aprovadas cartas de captação para 120 projetos de 40 municípios, em valores que chegam à casa dos R\$ 60 milhões. Detalhe é que, segundo a área técnica do TCE, não havia transparência sobre os critérios utilizados para a seleção dos projetos, o destino dos recursos (pessoa física ou jurídica), a execução e, também, a prestação de contas à sociedade. Vale sempre lembrar que o incentivo estadual se dá por renúncia fiscal do ICMS – ou seja, são recursos que vêm do bolso de cada cidadão catarinense.

Na batalha desde 2017 – quando ocorreu o primeiro Fórum Municipal de Cultura de São Francisco do Sul –, artistas e fazedores de cultura, em geral,

finalmente podem comemorar algum avanço: a sanção, no início de abril, da lei que cria o Fundo Municipal de Cultura, estabelecendo as regras para a participação de entidades, instituições e mesmo pessoas físicas interessadas em apoiar projetos culturais. O FMC, gerido pela Fundação Cultural Ilha de São Francisco do Sul, tem a finalidade específica de prestar apoio financeiro a projetos que fomentem e estimulem a atividade artística e cultural do município. O vínculo se dá, inclusive, para fins de prestação de contas ao TCE e à comunidade.

Na visão do músico Tiago Constante, um dos coordenadores do grupo mobilizado para lutar pela Lei do Mecenato municipal, os investimentos em cultura, via leis de incentivo, geram incontáveis benefícios para o município. Ele cita alguns: retorno direto em impostos sobre os serviços prestados nos projetos contemplados, aceleração da economia com a distribuição de recursos no comércio local, manutenção da atividade de grupos, artistas e fazedores culturais do município.

Tiago faz questão de sublinhar outros componentes dessa aliança entre cultura e comunidade – uma via de mão dupla, como devem ser todos os relacionamentos. Ele lembra, por exemplo, a ampliação das oportunidades de crescimento e desenvolvimento profissional dos próprios fazedores de cultura. "É uma forma, também, de incentivar a liberdade de criação desses agentes. Sem falar no aumento da oferta de atividades culturais (e gratuitas). E isso certamente vai se refletir na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e, conseqüentemente, no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município."

Um ponto que chama atenção é o aumento da oferta de ações culturais nas escolas municipais,

DIRECON
CONTABILIDADE

28 anos
de excelência e
confiabilidade em
serviços contábeis

47 3422.8889 47 98804.5370
www.direconsolucoescontabeis.com.br

Rua Henrique Meyer, 280 • Edifício Helbor Offices - Salas 210 a 212 • Centro, Joinville

levando às crianças do ensino público espetáculos e atividades previstas na contrapartida dos projetos contemplados. “Podemos levar a arte para outros lugares. Temos a consciência de que as atividades culturais são referências fundamentais de desenvolvimento de uma comunidade.”

A luta continua

No início de abril, a prefeitura divulgou nota informando que acompanha de perto a mobilização, e que a bandeira foi levantada pela municipalidade em 2021, “fato que pode ser comprovado em todos os momentos em que a pauta foi discutida no Conselho Municipal de Cultura”. Explicou que a busca de uma consultoria externa para dar suporte ao processo seria necessária “para não inviabilizar sua execução ou torná-la inconstitucional, como ocorreu em outros municípios”.

Tiago Constante se confessa feliz pela publicação, no Diário Oficial do município, da criação do Fundo Municipal de Cultura. Mas sublinha que a luta, agora, é ainda maior, uma corrida contra o tempo, para aprovar a Lei de Incentivo à Cultura dentro do prazo legal – noventa dias antes das eleições. “Precisa da nossa total atenção e mobilização. Apesar de o governo municipal ter se mostrado sensível, contratando a Univille para dar suporte nesse processo, seguimos mobilizados”, avisa.

Os fazedores de cultura mantêm um abaixo-assinado virtual a favor da aprovação e uma campanha de conscientização sobre o que é a lei e como pode impactar a cultura e a economia local. “Criamos um perfil no Instagram (@saochicofazcultura) e um grupo no WhatsApp para centralizar as informações e a divulgação das mobilizações, virtuais ou presenciais”, informa Tiago.



Artistas circularam pela cidade; acima, evento com apoio da Arcelor

Diretora da Tecer Teatro, que atua em São Francisco do Sul desde 2019, a produtora cultural Fabiana Ferreira tem ampla experiência no que tange a projetos de leis de incentivo à cultura, principalmente no Paraná. Ela destaca que um dos maiores benefícios da lei municipal é o de reduzir drasticamente a concorrência na aprovação dos projetos. “Hoje, São Francisco conta apenas com os mecanismos da Lei Rouanet, que são federais, e do PIC, estadual. Os pequenos produtores têm menos chances de avançar, já que precisam enfrentar demandas culturais do estado todo, no caso do PIC, e do Brasil inteiro, se o mecanismo for a Lei Rouanet”, pondera, em defesa da legislação municipal. Ela explica que é bem difícil a captação dos patrocínios, depois da aprovação dos projetos, principalmente para os menos experientes. “Uma legislação municipal vai viabilizar projetos e artistas locais. Existem pessoas que já estão na vida artística há longos anos, mas não dispõem de apoios e patrocínios. As leis de incentivo beneficiam a linha produtiva toda, incluindo as duas pontas dessa teia: o artista e a comunidade”, completa ela, ao dar um testemunho pessoal de que as leis de incentivo mudam, realmente, a realidade, tanto dos fazedores quanto dos beneficiários. Um círculo virtuoso, em que todos saem ganhando.

O caminho não é fácil, como já sentiu na pele a fotógrafa e diretora de cinema Vilma Bieniek, que tem realizado projetos com o impulso de leis de incentivo. Recentemente, frustrou-se com a tentativa de aprovação de um projeto que considera especial. O filme “Noite da Pizza” foi validado pela Lei Rouanet – mas, como ela queria muito realizar as filmagens todas em São Francisco e com equipe da cidade, acabou por não levar adiante o projeto. “Não vou desistir, vou reivindicar a aprovação e reviver a ideia”, garante ela, que já estava planejando envolver artistas de São Francisco no elenco, na direção de arte, e mesmo na trilha sonora.

Cássio Correia, produtor cultural e mentor do festival Animaneço (a sexta edição vem aí, de 1º a 11 de agosto, em Joinville e São Francisco), observa que as leis municipais de incentivo são importantes mecanismos de fomento à cultura local em várias cidades brasileiras. “Em Joinville, temos o Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura (Simdec), um dos mais antigos do país, criado em 2006. Desde então, inúmeros projetos de artistas joinvilenses já foram impulsionados pelo mecanismo. Em São Francisco, conheço inúmeros artistas que desenvolvem um trabalho sério e que merece a criação de uma lei municipal. Uma cidade com sua lei própria pode gerar ainda mais acesso à cultura para a comunidade.”

Destaque em projetos sociais e culturais

Gigante da indústria do aço, a ArcelorMittal, que tem operação em São Francisco do Sul desde 2003, já investiu mais de R\$ 24 milhões em ações nas áreas de cultura, educação saúde, meio ambiente, esporte e desenvolvimento comunitário, todas somadas nessa cifra. Anualmente, promove um edital por meio do seu Programa InterAção Social, patrocinando instituições que contribuem para a transformação social e o desenvolvimento sustentável do município, algumas culturais. Por meio da Fundação ArcelorMittal, aplica recursos via Lei de Incentivo à Cultura, Lei de Incentivo ao Esporte, Fundo para a Infância e Adolescência (FIA) e Fundo do Idoso.

Em nota, a assessoria frisa que, além de projetos baseados em São Chico, também apoia iniciativas promovidas em Joinville, caso do 40º Festival de Dança, em 2023, um vínculo já renovado para 2024. Fernanda Valadares, gerente de Comunicação e Relações Institucionais da ArcelorMittal em Santa Catarina, explica que os patrocínios bancados pela companhia têm o propósito de contribuir para a transformação social e cultural da comunidade francisquense, fomentando diversos eventos e projetos pela cidade. “São investimentos que dialogam com o propósito sustentável da empresa e buscam deixar um legado para as futuras gerações.”

EXPOSIÇÃO DE ARTE CERÂMICA
CIGATRIZES PEQUENAS COLUNAS DE MULHERES QUENÃO MAI SE PERMITEM A FERIDA

Com a curadoria e textos poéticos de Marinaldo de Silva e Silva, exposição de Soraja Silva e produção da Capital Criativa, a exposição e interstício e reflexiva, com apontamentos muito contemporâneos e urgentes em relação a posição e a importância da mulher como núcleo vital na sociedade, traçando um olhar reflexivo e motivacional sobre o envelhecimento e seus limites físicos e criativos por meio de sua curadora.

O público pode fazer uma imersão nas obras expostas, com bloco de argila disponível para modelagem, além de papéis que, escritos pelos visitantes e deixados numa urna chamada de “caixa das cigatrizes”, passarão a fazer parte de todo o contexto expográfico. A ceramista Diomedes Niebuhr, queimou os escritos da “caixa das cigatrizes” e misturando suas cinzas à argila que os visitantes tiveram a oportunidade de manusear durante o período expositivo, produziu ao vivo uma nova escultura. Haverá durante a performance apresentação do cantor Thiago Cordeiro com a curadora musical de Dj Breeze.

Como contrapartida social, a artista visitará cinco asilos/lares de idosos, situados em diferentes cidades do norte de Santa Catarina, levando pedaços de argila, trabalhando, principalmente com as mulheres que estão alojadas nesses espaços, ancãs que, com a mesma idade da artista, inclusive, não tiveram a sorte de manterem suas relações sociais com a mesma liberdade. Joinville foi o ponto de partida do projeto, que também percorrerá as cidades de São José e Criciúma.

Diomedes Niebuhr, nasceu em Ascuna, Santa Catarina, no ano de 1948. Reside em Joinville desde 1961, e de 2016 até o momento presente vem estudando, continuamente, desenho, anatomia, história da arte e cerâmica na Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior, em Joinville, Santa Catarina. Adaptação do texto de Rodrigo Domingos, assessora de imprensa.

CRONOGRAMA EXPOSIÇÕES
 19 de abril (sexta-feira) até 20 de maio (segunda-feira)
 Casa da Cultura Municipal Nereia Melo da Silveira – São José
 21 de maio (terça-feira) até 11 de junho (terça-feira)
 Espaço Toque de Arte – Galeria de Arte da Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC

Capital Criativo – Projetos Culturais, Assessoria Criativa e Eventos
 Telefone: 47 99112 – 2366
 Instagram: @capital_criativo
 E-mail: email@capitalcriativo.net

Dom Comunica – assessoria de comunicação
 Telefone: 47 99612 3517
 E-mail: rodigo@domcomunica.com.br
 Instagram: @domcomunica

Capital Criativo, Unesc, Governo de Santa Catarina, Fundação Catarinense de Cultura, Santa Catarina.

DIOMEDES CERAMISTA, MARIALDO CURADOR, SORAJA EXPOGRAFIA, THIAGO CANTOR, DJ BREEZE MÚSICA

GENTE

Mãe: impossível ficar indiferente

Partilhando a emoção das pessoas nas conexões com esta personagem tão especial

Albertina Camilo

ESPECIAL PARA FRANCISCA

Estou febril, com dores no corpo. Mas o prazo para entregar o texto sobre as mães estourou, e não posso perder informações tão sensíveis que meus entrevistados se dispuseram a dar. Enquanto penso na construção da reportagem, sinto que este processo está funcionando como uma catarse. Nas emoções de outras pessoas, eu me conecto, pensando em como seria se eu tivesse tido essas oportunidades de sentir tanto amor, tanta saudade e algumas culpas.

A emoção toma conta ao ler os relatos e encaixá-los no texto, ao deixar evidente o vazio gigante que está em meu coração desde sempre. Agora entendo mais o porquê. E espero transmitir um pouco desse sentimento de libertação. Você vai conhecer três pessoas que perderam suas mães e como enfrentam a dor. Em outra frente, a história de uma jovem que, de repente, ficou sem a mãe, precisou adotar a irmãzinha de 8 anos e, em seguida, trazer para sua vida outras três crianças. Falei também com uma garota que decidiu não ter filhos, encarando com um “não” o que “se espera” de uma mulher.

Para finalizar, entrevistei uma arteterapeuta com graduação em artes visuais, pedagogia e psicologia. Ela fala sobre a multiplicidade de desafios emocionais, sociais e psicológicos na jornada da mulher em cuidar e criar seus filhos.

A reportagem traz percepções da Ana, da Camila, da Carol, da Nelita, do Silvério e da Nanci sobre perda, reconstrução, perdão, saudade, responsabilidade, decisão e cobrança. Palavras intimamente ligadas às mães, porque elas podem provocar tudo, menos indiferença.

A falta que ela me faz

Com pessoas que perderam a mãe, quis saber como ficou a vida sem ela. “Eu me sinto numa festa sem a convidada principal. A vida tem sido boa comigo, e eu acredito que tem a mão da minha mãe, que segue cuidando de mim. Mas uma festa sem a convidada mais importante jamais será completa. Perdi uma parte de mim. É como perder uma perna. Quando você perde a pessoa mais importante, fica mais difícil caminhar”, é o que sente Silvério Morais, 42 anos, joinvilense que mora em São Paulo e ficou sem a mãe em 13 de março de 2021. Laura Morais tinha 66 anos.

As memórias preenchem o vazio no coração de Silvério. As mais antigas remetem principalmente à cozinha, onde dona Laura exercitava o seu amor com gostosuras para a família. “Minha mãe amava cozinhar. Era tudo bem simples, mas ela fazia o que podia para me agradar.”

No forno aw lenha que tinha no quintal, assava pão quase todo dia. “Quando eu era criança, acordava com meu café da manhã pronto, sempre do mesmo jeitinho, com carinho enorme. Três fatias de pão caseiro cortadas ao meio com margarina e chimia de banana. Ou banana frita com açúcar e farinha. Ela gostava de me ver gordinho”, brinca.

Quando a saudade bate mais forte? “A saudade não tem hora. Não é só no Dia das Mães ou no Natal. Penso nela toda hora. Digo que ela está mais viva em mim do que nunca”. Segundo ele, dói mesmo com força no dia a dia, quando dá aquela vontade de mandar mensagem, ligar, ouvir a voz. “Era a única pessoa com quem eu tinha o hábito de conversar ao telefone. Todo dia, era sagrado. Muita coisa só tinha sentido contar para ela. Piadas que eram só nossas. Desabafos que só ela iria entender.”



Silvério e dona Laura, Carol e dona Ana Maria: a saudade que dói

Só faz tempo que não a vemos

A mãe de Carolina Mar Pereira Miura, 48 anos, faleceu em 16 de outubro de 2023. Ana Maria Cunha Pereira tinha 84 anos. Carol pensa nela todos os dias, e sente que dona Ana ainda está presente. “Ela faz uma falta muito grande, mas nos deixou paz. Minha filha Luiza diz que a avó era tão presente que não parece que morreu, só faz tempo que não a vemos. E é isso. Tenho minhas filhas, meu marido, meu irmão. Estou feliz. Mas, ao mesmo tempo em que estou bem, a falta que ela me faz é imensa. Penso nela todos os dias, logo cedo. Todos os dias, agradeço a Deus pela mãe que tive.”

Do que você sente mais falta? “Se estou angustiada, do conselho dela. Se estou feliz, ela seria a primeira pessoa para quem eu ligaria. Minhas decisões eram sempre definidas com base nas opiniões e conselhos dela. Tudo. Conversávamos sobre tudo. Era a minha melhor amiga, minha confidente, minha parceira de ‘crimes’. Eu só organizava o meu dia depois que conversava com ela, via como ela estava e combinava tudo certinho: o que ela tinha para fazer, o que eu tinha para fazer.”

Quais as memórias mais recentes que você tem dela? “Conseguo lembrar do cheiro dela, de como era o toque da minha boca na bochecha dela. Se eu fechar meus olhos, parece que sinto o beijo que dava nela. E lembro do prazer com que ela comeu o último brigadeiro que dei para ela, feito por mim, uns dois dias antes de falecer, quando estava prestes a voltar para o hospital. Ela mastigava de olhos fechados, saboreando. Lembro como ela ainda queria viver porque queria ver minhas filhas se formando, casando.”



Nelita só se reaproximou nos últimos anos da mãe, Matilde

Palavras não ditas e abraços não dados

Nelita de Fátima Policena, 61 anos, viveu desde a infância entre palavras não ditas e abraços não trocados com a mãe, Matilde Brás Policena, que faleceu em 11 de maio de 2023, aos 88 anos. Somente nos últimos anos elas ficaram bem próximas.

“Tenho raras memórias dela, lembro que tínhamos uma vida sofrida, meu pai morreu quando eu tinha apenas 6 meses. Dois anos depois, minha mãe casou e fui criada por meu padrasto, que considero como pai. Minha mãe era muito trabalhadora e nunca nos deixou faltar o básico, mas carinho era pouco”, conta.

Tudo mudou em 2020, quando Nelita levou a mãe ao médico e descobriram um câncer maligno. “A partir daí eu vivi com a minha mãe e para a minha mãe. Tenho saudade dos dias em que ficamos juntas, quando descobri suas vergonhas e como ela nos amava.”

O que deixou de ser dito que marcou você? “O que eu gostaria que ela tivesse me falado era o quanto me amava. Como nunca falei, ela também nunca me falou”, sente Nelita. “Tenho um amor imensurável pela minha família, pena que a mãe eu descobri tarde, mas pela misericórdia de Deus tive um pouco mais de dois anos para cuidar dela.”

Com dona Matilde, Nelita afirma que aprendeu a ser forte. “Mesmo destruída, ter forças para me levantar. E também a ajudar a todos que precisarem, nem perguntar por quê.”

De repente, mãe de quatro

Em novembro de 2017, a vida de Camila Roberta Rodrigues da Cunha deu uma guinada. Então com 28 anos, ela perdeu a mãe, Elza, aos 49. Mas nem teve tempo para chorar. “Ela era a força da nossa casa e perdê-la fez tudo virar de cabeça para baixo. Tive de lidar com o retorno ao trabalho e os cuidados com minha irmã, que na época tinha 8 anos. Não pude vivenciar direito o luto de perder uma mãe porque, daquele momento em diante, tinha que ser a força da casa. Foram momentos bem difíceis, mas me fizeram enxergar o mundo e o que eu queria de modo diferente”, lembra Camila.

Na mesma época, vieram os três enteados, hoje com 6, 9 e 11 anos. “Meu coração é bem grande, então teve espaço para esses filhos todos. Participei da criação da minha irmã, hoje com 14 anos, e sempre fui apaixonada por crianças, mesmo a vida toda dizendo que não queria filhos”, afirma.

Por vezes não é fácil, claro. “Meus enteados vieram num pacote complicado, pois eles são maravilhosos, carinhosos e amam estar aqui, mas há inúmeros problemas com a mãe deles, o que torna essa experiência ao mesmo tempo linda e estressante. Já faz cinco anos que convivo com eles e, sinceramente, já são parte de mim.”

A rotina da Camila é cansativa, mas ela tenta incluir momentos leves no dia a dia. “Geralmente eu acordo às 6h30, fico meio de olho para ver se minha irmã está se arrumando para a escola, depois que ela sai eu vou me arrumar para o trabalho, passo o dia fora, chego em casa por volta das 19h30. Eu e meu marido nos revezamos sobre quem vai fazer o jantar, até porque há dias que ele tem aula on-line da

faculdade. Jantamos e assistimos a uma série juntos; temos um esquema em que a cada dia um escolhe a série para ninguém ficar triste.” Depois a irmã vai para o quarto dela fofocar com as amigas, o marido dorme, e Camila costuma ficar assistindo a um seriado que somente ela gosta.

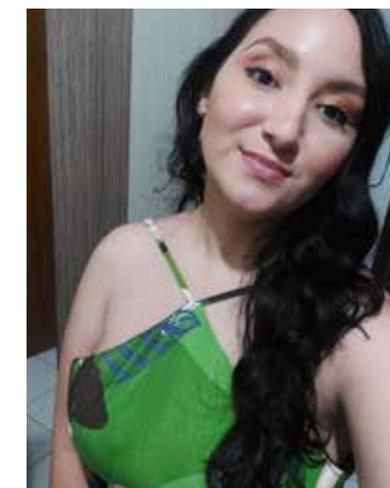
Nos finais de semana em que as crianças estão com eles é mais corrido. “Como eles moram em Guarapiranga, então acordamos cedo, buscamos o mais velho na catequese às 9h, passamos na casa dele e pegamos os menores. Chegamos em Joinville por volta das 11h e começamos a fazer o almoço. Depois eles geralmente gostam de jogar videogame ou ficar no quarto conversando com a gente. Às vezes, os levamos ao parque que tem próximo de casa e à noite vemos um filme todos juntos. No final de domingo, levamos eles de volta para a mãe.”

Com tantas responsabilidades, não bate a ansiedade? O que mais a preocupa? “Quando estou em crise de ansiedade geralmente é meu marido que ajuda a me acalmar e me colocar novamente nos trilhos”, diz Camila. O que mais a inquieta em relação às crianças é se estão todas bem, se a saúde mental delas está boa, se vão conseguir criá-las de uma maneira sadia. “Uma grande dificuldade é não saber exatamente o que acontece com meus enteados quando não estão com a gente. Tem também o fato de estar criando uma adolescente, é complicado discernir entre a Camila irmã e a Camila mãe. Às vezes eu desço na idade dela, a briga rola solta e o meu marido precisa me lembrar que eu sou a adulta”.

Tem planos de gerar um filho? Camila já sentiu essa vontade, mas ela e o marido combinaram que vão esperar um pouco mais para decidir. “Não sinto que no momento esteja preparada para essa responsabilidade.” Entre um cuidado e outro com a irmã e os enteados, Camila costuma pensar na mãe, tem saudade de ouvir a voz dela. “Minha mãe tinha seus defeitos, mas sempre foi minha melhor amiga e para quem eu podia correr a qualquer momento. Sempre esteve ao meu lado e me ensinou a ser forte e independente. Perdê-la foi um golpe. Quando estou com saudade dela, choro, ouço uma das músicas que ela amava, conto uma história doida dela para alguém e dou um cheiro bem gostoso na minha irmã.”



“Meu coração sempre teve espaço para todos”, sorri Camila



Ana Carla não planeja ter filhos: “É algo imposto socialmente”

Sem vontade de ser mãe

Ela é jovem, saudável, realizada profissionalmente, está em uma união estável e faz parte de um número cada vez maior de mulheres que não pretende ter filhos. Com 26 anos, Ana Carla Rubi afirma que se sente muito confortável com essa decisão, que tem o aval da família. “Sentia que era algo imposto socialmente. Então nunca tive essa vontade. Meu parceiro também não tem. Hoje eu uso DIU, um método contraceptivo bem eficaz e de longo prazo.” A energia que seria direcionada aos filhos, ela costuma usar nas atividades do dia a dia, como academia, livros, cinema e outros momentos de lazer.

O que você pensa da máxima de que toda mulher nasce com instinto materno? “Acho que é algo pré-concebido estruturalmente. Desde sempre somos ensinadas assim. Desde as brincadeiras que são de ‘meninas’, como casinha e boneca. O instinto materno é algo que aprendemos desde crianças. O problema é que isso é ensinado somente para meninas.”

Jornada de múltiplos desafios

Nunca foi fácil para as mulheres criar os filhos, mas a complexidade só aumenta, no rastro, principalmente, da expansão tecnológica. “São múltiplos os desafios emocionais, sociais e psicológicos nesta jornada”, reforça a arteterapeuta Nanci Hass da Cruz, graduada em artes visuais, pedagogia e psicologia. Especialista em interdisciplinaridade e psicologia analítica, Nanci foca o atendimento em adolescentes e mulheres. Segundo ela, “as expectativas em torno do papel da maternidade são muitas vezes idealizadas e sobrecarregadas pela sociedade atual. As mães enfrentam pressões para ser perfeitas em todos os aspectos, da criação dos filhos à gestão da casa, do trabalho e da vida social. Encontrar tempo suficiente para estar presente na vida dos filhos e se manter competitiva no mercado de trabalho pode ser incrivelmente exigente.”

Para Nanci, encontrar um equilíbrio saudável entre o uso da tecnologia e a interação real com os filhos é um dos maiores dilemas atuais. “A tentação de recorrer às telas como babás eletrônicas pode ser grande, especialmente em momentos de exaustão ou sobrecarga. Mas é fundamental lembrar-se do valor inestimável do contato humano e do tempo de qualidade compartilhado, que são essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças e para fortalecer os vínculos familiares.”

A profissional também aponta o impacto provocado pelo uso excessivo



Para Nanci, as expectativas sobre a maternidade são idealizadas

sivo das telas na saúde física e mental das crianças, o que inclui problemas de sono, sedentarismo e dificuldade de concentração. “As mães modernas enfrentam a tarefa de encontrar alternativas criativas e saudáveis para o entretenimento e o aprendizado dos filhos, a fim de harmonizar o tempo gasto em atividades ao ar livre, leitura, arte e brincadeiras tradicionais com o uso de dispositivos eletrônicos”.

Cuidar dos filhos pode levar à exaustão física e emocional, lembra Nanci. Por isso, a importância

de encontrar tempo para o autocuidado, “que pode parecer um luxo inatingível para muitas mães ocupadas, mas é essencial para a saúde e o bem-estar delas”.

Neste aspecto, tanto a arteterapia junguiana quanto a psicologia buscam promover o autoconhecimento e a autodescoberta. Ao expressar emoções, pensamentos e experiências em um espaço seguro, as mulheres conseguem identificar necessidades, valores, forças e áreas de crescimento pessoal. Nanci informa que, na psicologia junguiana, o arquétipo da mãe é considerado uma das expressões fundamentais do inconsciente coletivo, uma parte da psique que contém padrões universais de experiência humana compartilhados por todas as culturas ao longo da história.

“A mãe é uma figura que transcende fronteiras geográficas, temporais e culturais, ressoando em todas as pessoas de alguma forma, independentemente de sua história pessoal. O arquétipo da mãe não se limita à experiência individual. Também está intrinsecamente ligado à ideia de cuidado e proteção comunitária. Em muitas culturas, a figura da mãe é venerada e considerada um símbolo de generosidade, compaixão e altruísmo. Ela é frequentemente associada a valores como sacrifício e dedicação, refletindo o papel central que as mães desempenham na

sustentação e na coesão social”, acrescenta a psicóloga.

Mas é preciso reconhecer, segundo ela, que o arquétipo da mãe não é exclusivamente positivo. “Assim como a mãe pode ser uma fonte de amor e apoio, também pode ser uma fonte de medo, opressão ou abuso. Em algumas narrativas mitológicas e contos de fadas, a mãe é retratada como uma figura ambivalente, capaz tanto de curar quanto de ferir. Essa dualidade reflete a complexidade inerente ao arquétipo da mãe e sua capacidade de encapsular uma variedade de emoções e experiências humanas.”

Mãe. Impossível ficar indiferente. ①



O setor de árvores cultivadas, que inclui celulose e papel, preserva extensas áreas de matas nativas que ajudam a proteger a biodiversidade. São mais de 8.300 espécies de fauna e flora, muitas ameaçadas de extinção.

Fonte: Caderno da biodiversidade, Ibá/2022.

Descubra incríveis histórias sobre o papel e o impacto ambiental do papel.



lovepaper.org.br

Membro Patrocinador

Papel, cartão e papéis: uma ótima escolha ambiental para contar histórias.



twosol.org.br



Volpato

PAPEL E BIODIVERSIDADE



Bons exemplos transformam destinos.

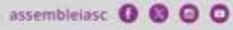
Lara
Diretora do Polo Eja da E.B Frei Damião Palhoça - SC

Evelyn encontrou na escola e no carinho de Lara o acolhimento que tanto precisava. Vítima de bullying, em alguns momentos chegou a pensar em abandonar a sala de aula para se dedicar exclusivamente ao trabalho. Mas o amor e o apoio de sua diretora trouxeram a estudante de volta para o caminho da educação.

Evelyn
Estudante do Polo Eja da E.B Frei Damião Palhoça - SC

Esta é a história da Evelyn. Para conhecer mais sobre esta e outras histórias da série Escola Acolhedora, acesse os canais da Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

assembleiasc



Integra

Qualidade Integrada para Cidadania e Paz nas Escolas



Gastronomia identitária

Pratos com sabor de história

Jura Arruda

ESPECIAL PARA FRANCISCA

Percorrer cidades em busca de histórias que temperam pratos de origem germânica em Santa Catarina tem colocado a equipe do projeto Gastronomia Identitária, nascido em Joinville, em uma rota de afetividade e realização. Não é raro encontrarmos famílias envolvidas com o que há de mais generoso e humano, ao servir pratos com história e sentimento.

Tanto quanto mapear a cadeia produtiva de pratos tradicionais, este projeto, coordenado por Helga Tytlik e Marisa Toledo, quer pôr à mesa a cultura da região, com suas tradições, obstáculos e soluções. E tem descoberto o afeto e o valor inestimável da cozinha que não é feita apenas para matar a fome, mas para acolher. Acabamos de cruzar a metade do caminho. Até o início de abril, foram seis cidades visitadas, doze pratos mapeados e um parâmetro da demanda que hoje existe de refeições que vão além dos ingredientes culinários.

A seguir, duas das histórias, temperadas com pequenas doses de ficção, que ouvimos em nosso trabalho de campo, e que farão parte do livro a ser lançado no final do ano, ao lado do site que trará o mapeamento da cadeia produtiva dessas receitas e do documentário que mostrará o processo de pesquisa, os encontros e as descobertas – que não são poucas, e são inspiradoras.



A gente não tem nada

História colhida em Campo Alegre, para ser degustada com o Plätzchens, da Delícias da Lola

– Essas crianças são terríveis! – comentou a mãe fechando a porteira que os filhos haviam deixado aberta. Mas, antes que portão e batente se encontrassem, viu que cavalos e vacas estavam no mesmo espaço devorando milhos e batatas-doces do paiol.

– Vocês fizeram de novo! Eu vou pegar vocês! Venha me ajudar, rápido!

As crianças olharam-se com medo e culpa, depois correram em direção ao paiol para ajudar, enquanto gritavam “Não fui eu! Não fui eu”.

As vacas eram o xodó de Avelina. Era ela que tirava o leite todas as manhãs e as tratava com o carinho de quem entende a importância do produto diante de uma vida de poucos recursos.

Recursos que começaram a ra-

rear quando Pedro decidiu entrar de sócio em uma fábrica de móveis. Todo o dinheiro que ele fazia ia para lá. Naquele ano, dezembro pareceu ter chegado antes. A tarde era de sol em Campo Alegre, mas um sol insuficiente para aquecer o coração de Lola, que chorava debruçada sobre uma almofada na sala.

– O que aconteceu, Lola?

– Mãe, a gente não tem uma bolacha de melado. A gente não tem nada. Nem um presentinho a gente tem.

Avelina percebeu a situação. Diante dos afazeres e dos investimentos na fábrica, a tradição de Natal foi deixada de lado. Dirigiu-se ao marido:

– A gente trabalha tanto, trabalha tanto e não tem nada pra eles, nem uma bolacha!

O marido entendeu. O Natal não poderia passar em branco. No mesmo dia foram até o centro da cidade, compraram uma peça de roupa para cada filho, depois passaram no Walter Lieber e compraram os ingredientes para a bolachinha de Natal.

No dia 24 de dezembro, a família se reuniu em volta da mesa para fazer as Plätzchens. Lola, ao terminar de pintar a última bolachinha, sorriu:

– Agora o Natal tem sentido.

O escritor acompanha as atividades do projeto, em visitas a lugares típicos de cidades catarinenses

Jamais!

História colhida no Rio Bonito, em Joinville, para ser degustada com o Leberkäse do Açougue Duvoisin

– Jamais vou casar com um açougueiro – disse Iracema ao ver pela enésima vez o pai matar um porco. A cena, comum para a família, mas intolerável para a moça de 13 anos, fazia-a sentir-se em um mundo injusto e selvagem, ainda que a carne posta à mesa mais tarde parecesse tão apetitosa que ela se rendia à degustação. Mas, se o apreço pela vida dos animais não resistia aos temperos da mãe, uma coisa ela sustentava: queria ser professora e os estudos eram levados muito a sério.

Choveu durante a noite, mas o dia amanheceu claro. Iracema demorou-se num penteado que a deixasse satisfeita, subiu na bicicleta para percorrer o trajeto diário de oito quilômetros de sua casa até a escola, no centro de Pirabeiraba. Seus pés pressionavam com força os pedais quando avistou, longe,

Leôncio, um colega de escola, que vinha a cavalo com o pai e uma pequena tropa de bois. Ela ouviu algo que não entendeu. Quando homens e gados se aproximaram, a voz era grave e clara:

– Cuidado que os boi são bravo!

Jogou bicicleta e orgulho no chão e se enfiou por debaixo de uma cerca de arame até que o caminho voltasse a estar seguro.

O tempo passou. Leôncio alistou-se no Exército. Soldado não tinha boa reputação e a moça desconsiderava ter qualquer relação com um “malandrão daqueles”, como costumava dizer. Se as amigas alimentavam intenções e sonhos, ela repudiava qualquer contato mais próximo. Leôncio era soldado, mas para Iracema, havia um porém, porque conhecia a família dele e sabia que a mãe era muito severa e fazia-o andar na linha.

Um dia, o soldado e a professorinha se olharam de maneira diferente.

O tempo de Exército terminou e Leôncio foi trabalhar em uma mecânica. A graxa em suas mãos não incomodava Iracema, que achava até bonito. Casaram-se.

Pouco tempo depois, o açougue da família Duvoisin precisava de alguém que o administrasse. Coube a Leôncio a tarefa. Iracema, parceira esquecida da promessa, abandonou a carreira de professora e foi ajudar o marido.

Aos 82 anos, ela ri da promessa e do destino, mas repete com convicção, enquanto enforma o Leberkäse antes de levá-lo ao forno:

– Eu casei foi com um mecânico, virou açougueiro depois.

– Propaganda enganosa – sorri Leôncio.



A capa do livro e o autor, Ítalo Puccini: exercício criativo



LITERATURA

O movimento que as vírgulas são capazes de acessar

Obra entrega ao leitor a tarefa de dar sentido ao texto

Josi Ellen Fleck

ESPECIAL PARA FRANCISCA

Na ordem direta de uma frase, não há obstáculos entre o sujeito, o verbo, o complemento e um adjunto adverbial. Não se separa o sujeito de sua ação. Parece simples essa miniexplicação sobre a regra principal das vírgulas, mas não é. “Aqui vai vírgula?” Essa pergunta cedo ou tarde chega aos ouvidos de professores que ensinam gramática ou corrigem textos. Outro dia, durante uma aula, uma aluna sentenciou: “Nunca sei o que fazer com as vírgulas, eu sempre erro”. A indignação dela é justa, reconheço. Vírgulas parecem muros. Para quem precisa e gosta de liberdade para escrever, esse é o tipo de obstáculo que não se entende. Sugeri, então, à minha aluna o livro “as vírgulas”, de Ítalo Puccini. Três semanas depois, ela retornou: “Deve ter dado um trabalhão para desprender as vírgulas das frases”.

Não há uma vírgula sequer nas 26 narrativas construídas com os versos de Adriana Calcanhotto, Criolo, Caetano Veloso, Tim Bernardes, Tom Zé, Marisa Monte, Renato Russo, Marcelo Camelo, Chico César, Milton Nascimento, Johnny Hooker, Vitor Ramil, Cazuza, Céu, Pitty, Lenine, Djavan, Anelis Assumpção, Liniker, Teago Oliveira, Gonzaguinha, João Nogueira, Chico Buarque, Raul Seixas, Gilberto Gil e Belchior – compositores brasileiros que Ítalo traz em seu livro e que o inspiraram nesse exercício criativo e desafiador de desprender as vírgulas das frases. Caberá ao leitor, portanto, a liberdade de seguir o fluxo do enredo, empre-

gando-lhe um ritmo original para cada frase enunciada nos textos.

Publicado em 2023, por meio da lei de incentivo à cultura, o livro leva o selo da coleção “Ficções avulsas”, com a curadoria de Ricardo Corona e Eliana Borges, editores da Medusa, de Curitiba. Esse projeto propõe a reunião de experiências de escrita do mundo contemporâneo de artistas que fazem o uso da palavra e/ou da imagem como laboratório literário. Lançado em Curitiba, Joinville e Jaraguá, “as vírgulas”, que começou como uma brincadeira com as palavras, sem pretensão de ser obra publicada, tem sua distribuição gratuita e também a versão em e-book. Alguns leitores receberam seu exemplar pelos correios, enviado pelo próprio autor. Ou seja, o movimento sem cerimônia das vírgulas demonstra um caminho de livre acesso, oportunizando a democratização da leitura e da arte.

“as vírgulas” é uma colcha de retalhos costurada com um jogo de palavras de letras de músicas não apenas de cantores preferidos do Ítalo mas também de outros que jamais havia escutado. Essa possibilidade comprava o principal argumento do livro: a liberdade de acesso a novas expressões artísticas. O cantor e compositor Belchior foi apresentado ao Ítalo, aos 10 anos de idade, pelo pai, a quem ele dedica “as vírgulas”. Desde 2008, Ítalo mantém o blogue “eu nunca soube o que fazer com as vírgulas”, espaço onde continua brincando com as palavras, aprimorando sua curiosidade em acessar outros tipos de textos, principalmente a poesia.



Josi Ellen Fleck é professora e revisora, mora em Barra do Sul



**RECUPERA
MAIS**
PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO FISCAL

Os maiores descontos para você ficar em dia com Santa Catarina

O Governo do Estado está lançando o **Recupera Mais**, o maior programa de descontos da história de Santa Catarina para acertar dívidas de **ICMS**.



Acesse www.sef.sc.gov.br e confira todos os prazos e descontos para o pagamento de multas e juros em atraso. **Você não pode perder.**



GOVERNO DE
**SANTA
CATARINA**

*Descontos regressivos. 95% de desconto em multas e juros em atraso para pagamento até 1º de abril/24. 94% de desconto em multas e juros em atraso para pagamento até 30 de abril/24. 93% de desconto em multas e juros em atraso para pagamento até 31 de maio/24.



**SUA ESMOLA
NÃO ME TIRA
DESSE LUGAR**

Dar esmola para pessoas em situação de rua pode parecer um gesto solidário, mas isso não resolve o problema. A esmola estimula a condição de vulnerabilidade social.

Para mudar este cenário, a Prefeitura de Joinville oferece apoio para que as pessoas saiam da situação de rua e voltem a ter dignidade.



Serviço Social

Serviço Especializado em Abordagem Social 24 horas
Para encaminhamento à rede de atendimento
Atende pelo telefone (47) 3433-3341



Emprego

Centro Público de Atendimento aos Trabalhadores (CEPAT)
Oferece encaminhamento para o mercado de trabalho
Segunda a sexta-feira, 8h às 14h - Rua Abdon Batista, 342 (Centro)



Alimentação

Restaurante Popular Herbert José de Souza
Oferece café da manhã, almoço e jantar todos os dias
Rua Urussanga, 442 (Bucarein)

Restaurante Popular Zilda Ams
Oferece almoço de segunda à sexta-feira
Rua Alvinho Hansen, 65 (Adhemar Garcia)

**Esmola não ajuda,
ajude de verdade.**

**Ligue (47) 3433-3341
Abordagem Social 24h**



**Prefeitura de
Joinville**

**ASSISTÊNCIA
SOCIAL**